

Antologia do Amor

Bruno Schaeffer



Apresentado por

Meu Lado Poético 

Agradecimentos

Agradeço aos meus familiares e as pessoas próximas de mim, as quais me apoiaram na construção deste livro.

resumo

A página em branco

A ressaca do amor

O eterno réu

Minha Vanessa

Loucura ao suicídio

Um breve dia

Aquelas conversas

Matinal (Conto)

A página em branco

A página em branco.

Em banco estava quando escrevi,
Era claro e reluzente aquela página a qual parti,
Não demorei muito para perceber o que tinha acontecido ali,
Sem mais delongas, peguei minha caneta e comecei a me divertir.

Com uma bela música de fundo e alguns pensamentos estranhos,
Parti de uma pergunta a qual me ofuscava.
Muito dócil em minha ginga com as palavras, acabei me esquecendo o que devia ser posto ali.

Estes momentos me deixam triste,
pois o quão importante fosse,
Algo deveria estar escrito ali.

Foram tempos como esse,
Que esqueci de mim,
Minha amada e minha louça
Que estavam aqui
havam se perdido,
porque queriam estar aqui.

Nada serei se não procurar.
Outrora, lembrar do que era para ser escrito ali.
Não era de meu tempo o que perdi,
Não tenho mais você,
faltou algo singelo escrito aqui.

Então percebi,
O problema não fora escrever,
Mas sim, esquecer de amar-te,
Como esta página aqui,
Da qual ainda tanto lembro,

Que nada escrevi.

A ressaca do amor

A ressaca do amor

Lá se vai um amor,
Um suspiro, não de alívio,
Mas de tristeza e solidão,
Assim, então foi um amor.

Estou equiparado,
Salientado pelas profundas
De profanas recordações.
Era chulo, mas harmonioso,
Era grotesco, mas palpável.

Quando sua mão entrelaçava meu peito,
Quando sua boca carnuda e macia salientava meus ouvidos e boca,
Quando seu reboliço me infiltrava
A infâmia do amor,
Era o momento do descarrego.

Meu nostálgico e discreto amor,
Por parecer curto, além do mundo,
Sinto o tédio dos insumos de sua carne,
Ah! Quando aquela sua mão horrenda passava pela minha genitália,
Uh! Que vontade de me esfregar em
Seu corpo nu.

Era um mar vermelho,
Era tudo o que eu sempre quis
Naquele momento,
Saudade e saudade tédio
Saudade e talvez formidável tédio,
De não lhe ter aqui
Para curar essa maldita ressaca,

Essa ressaca do amor.

O eterno réu

O eterno réu

Caminhos e tempos serão desejos.

Perdoados sejam

Os que não progrediram,

Felizes os que amaram,

Pois a eternidade,

Ficará em seus semblantes.

Meus tragos diários,

E fumos encobertos

Se fingem num eu submerso.

Assim o ventre dos réus

Ficaram no papel.

Marcharam os inocentes,

Puxando a flâmula do insucesso,

Da ignorância alheia,

E do vazio de muitos véus,

Corações e réus.

Sou eu a quem me escrevo,

Sou eu lamentando o descontento,

O alvoroço da alma penada!

Triste por ser feliz,

Porque poucos a têm,

Poucos os quais perjúrio

Invoca o sacrifício da vida,

Eterna; sublime e incerta.

Não esqueçam de mim.

Sejam pássaros,

Sejam tatuzinhos,
Pois meu amor condenado,
Salienta a alma dos que amo,
E para sempre serei desonrado.

Levarei o desejo eterno,
De permanecer com os que amo,
Sem estar de corpo e alma,
Porquanto desejo,
Estarei preso,
Como um eterno réu.

Minha Vanessa

Minha Vanessa

Mais uma noite
Senti uma flâmula,
Ardente e sedenta.
Senti o fogo do horror,
Ou seja, acabei de broxar.

Não era de outra,
Pois estava bêbado,
Cansado, havia feito
Três viagens sem vida,
Sem volta.

Porquê ser morena,
Gostosa, sedenta por sexo,
E nem se quer prestigiou,
o evento sexual.

Seu nome era Vanessa,
Mentira para mim,
Pois sei, que esse
não era
seu nome verdadeiro.

Naquela noite, estava feliz,
E triste.
Além disso, como
Qualquer outra pessoa,
Nunca estou satisfeito
Com o que ganho ou desejo.

Mas que puta gostosa,

Sensual, morena,
Seus seios firmes,
Seu corpo perfeito,
E cheiroso...
Que noite linda,
Que noite cruel.

Perdoa-me Vanessa,
Por não aproveitar este
Sedento momento.
Perdoa-me por não gozar,
E não doutrinar minha verdadeira
Saliência erótica e sexual.

Loucura ao suicídio

Loucura ao suicídio

Era mais uma noite de inverno,
Era um dia nebuloso.
De uma manhã cinzenta,
Mas aquela palavra,
A maldita palavra,
Amaldiçoava minha cabeça.

Uma voz além se pronunciava,
Dizendo: suicídio.
Me martelava e instigava,
Contradizendo a arruaça
De meu eu sem futuro.

Os porquês eram eminentes,
Não havia sentido,
Havia desprezo.

Não haviam respostas,
Não haviam razões.
Então se indagava o que não queria,
Se ouvia o que já tinham dito.

Já diziam as más línguas.
Somos todos enxutos,
Filhos do fruto,
Do cordeiro imperfeito,
Da existência escurralha.

Somos tortos de fé,
Escolhidos por algo ilustre
Que lá, não estava em pé.

Um breve dia

Um breve dia

Era um menino nefasto,
Safado e perambulado.
Com aquela chagas que me incomodavam,
Quem era aquela,
que estava sentada ao meu lado.
Aquela, que me dava arrepios!

Era noite e uma luz ofuscava,
Era a lua com seu brilho cintilante,
Mas estava tão frio que não sentia
Nem meus pés e escroto.

Era noite e dia e mais uma noite de dia,
Era mais tarde que o pôr do sol,
Quando não beirava mais,
La estava eu,
Naquela maldita esquina.

Chavasco, como em dia de churrasco,
Todos reunidos, mas ninguém
Se ouviu, falou, ou se quer murmurou.

Estavam felizes por fora,
Mas tristes por dentro,
Não tinham mais receio,
E nem mais crenças no futuro
De tantos vil.

Sim, ou talvez não.
Se era não, o que é o sim,
Mais tarde estava no chão,

E o medo vinha mais cedo.

Tristes eram minhas plagas
Esquecidas pelo tempo,
Sumiram de dia,
E foram para imensidão.

Sou o homem lata,
Sem dó ou coração.

Aquelas conversas

Aquelas conversas

Teus lindos olhos
Teus devaneios
Tuas histórias
Me aconchegam.

Deitar-me ao seu lado
E encontrar o conforto
É sentir a paz em seus braços
E encontrar meu Eu

Todo convite
Toda conversa
Todas fantasias
Me fazem encantar

Não saia de perto,
Você nunca vai magoar,
Pois seu coração é puro,
Sua presença me contagia

Mendiguei por meses
E encontrei você
Alguém que só de pensar
Um sorriso
E até uma lágrima
Ainda são esperança.

Matinal (Conto)

Matinal (Conto)

Então eram 4:14 da manhã.
Acordei, pois na dianteira uma prova havia de se fazer,
Nesse tempo tomei minha bagatela viciante para dormir
E tive um sonho, o qual nunca deslembrei.

As serpentes rastejavam em direção de casa,
Os homens estranhos de semblante escuro olhavam para mim,
Até que um anjo apareceu ao meu lado
E decidira partilhar uma de suas "trocentas" experiências.

Chamando-me com sua bela voz de canto e chamuscada,
O seu olhar comum o tornavam quase que um simples humano,
Sua virtude estava nas palavras ligeiras que saiam de sua garganta,
Com as cordas vocais que atenuavam a fonética,
Audível apenas para mim.

Me contou a historia de um bombeiro, um homem bom;
Que assim como vários que me apresentara ali,
Realizavam um contrato com tal anjo,
Contou-me que Deus fazia um contrato em nossas vidas,
Depois de uma certa e revigorante experiência.
Que variadas circunstancias escolherás entre o que doar da vida e o que pertence a ela,
Tamanho é a tal complexidade, que te submeterá apenas naa derrota.
- Logo pensei: "Seria uma ocasião de derrota divina? "

O bombeiro tinha duas simples e horrendas escolhas:
Ou ele morreria como herói,
Ou ele teria uma vida simplista,
Mas seus sonhos futuros seriam abandonados.
Se escolhesse morrer, a pessoa que mais amasse sobreviveria;
Se escolhesse viver, a pessoa que mais amasse o esqueceria.

Porem de forma poética e não menos singela,
Aquele espaço seria preenchido com conquistas pequenas,
Até mesmo medíocre nos pontos emaranhados.

Com muita delonga, decidira sobreviver e pagar com a tristeza eterna,
Pois no fundo sabia que sua amada estaria plena,
Porém ele, saberia que seu coração seguiria escalpelado
Por uma vida sofrida aceitando o destino e o bem dela,
E poderia acompanhá-la de longe, não apenas da distancia,
Mas de seu coração.

Agora entramos em um carro preto,

E o anjo me perguntou:

- "Neste seu matinal alheio, sua vida é tão medíocre quanto a que foi deste bombeiro amargurado?"
"